

Pedagogia Radical de Henry Giroux

uma crítica imanente¹

Vilmar Alves Pereira*

Em tempos de crises generalizadas, a educação também sofre as influências de um discurso promovido pela lógica neoliberal. Pela maneira sofisticada como esse modelo se impõe, é comum percebermos o grande número de educadores que aderem a ele sem restrições.

Sem dúvida, esse não é o caso do pensador norte-americano Henry Giroux, que se aventura em meio a esse contexto, pensando e defendendo uma pedagogia radical em que utiliza como referencial a Teoria Crítica. Como Giroux assimila as categorias da teoria crítica pensando a partir de um contexto diferente? Essa questão está concatenada a uma outra, que significa perguntar: Quais são os

limites e as possibilidades de sua teoria educacional? Essa tarefa, de uma análise criteriosa dos pressupostos da pedagogia de Giroux, foi realizada pelos professores Antônio Álvaro Soares Zuin e Bruno Pucci na obra aqui resenhada, *A pedagogia radical de Henry Giroux: uma crítica imanente*.

A preocupação desses autores é fazer uma análise sobre a pertinência da proposta de Giroux, como diz Newton Oliveira no prefácio: “Se Giroux abria caminho para os conceitos filosóficos da Teoria Crítica adentrarem o território da educação, Pucci e Zuin ficam no controle da bússola, no acompanhamento da rota traçada e proposta” (apud Oliveira, 1999, p.14).

¹ Resenha da obra de Antônio Álvaro Soares Zuin e Bruno Pucci *A pedagogia radical de Henry Giroux: uma crítica imanente*. Piracicaba: Editora Unimep, 1999. Trabalho vinculado ao grupo de pesquisa Teoria Crítica e Educação, da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo, que tem como integrantes os seguintes componentes: professores Eldon Henrique Muhl (Coord.), Nedison Faria, Telmo Marcon, Vilmar Pereira e acadêmica do curso de Pedagogia Carla Caus, bolsista da Fapergs.

* Professor assistente da disciplina de Filosofia da Educação e mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo.

A obra está dividida em três capítulos: no primeiro, os autores apresentam a inspiração frankfurtiana de Giroux; no segundo, são analisadas algumas categorias potencialmente pedagógicas e, no terceiro, é retomada a proposta principal de Giroux, que consiste na construção de uma *Pedagogia Radical*.

Como já foi salientado, Giroux é um pensador que se apropria do referencial teórico da Escola de Frankfurt e, a partir dele, cria novas categorias para a educação:

A terminologia utilizada por Giroux - “pedagogia radical”, “educador radical”, “escola crítica”, “intelectual transformador”, “pedagogia radical como forma de política cultural” - mostra sua preocupação primeira em buscar nas fontes da Teoria Crítica água viva para construir uma pedagogia que vá às raízes do social, do cultural, do escolar e dê voz e vez aos marginalizados, às minorias, ao indivíduo, ao contemporâneo (Pucci e Zuin, 1999, p.22).

O esforço de Giroux no sentido de construir uma nova pedagogia depende, é claro, da forma singular como realiza a leitura dos pensadores da Escola de Frankfurt. É nesse ponto que os autores, Pucci e Zuin, atentos à maneira como Giroux constrói seus pressupostos, realizam algumas intervenções:

a) num primeiro momento, os autores dedicam-se a fazer vários elogios a Giroux pela sua criatividade na assimilação e incorporação de várias categorias dos membros da Escola de Frankfurt, partindo do contexto por eles pensado:

Sua visão crítica procura, predominantemente, entender as contribuições a partir do contexto social e histórico em

que elas se deram, momento específico do desenvolvimento do capitalismo monopolista e seu consorte político, o fascismo da dogmatização do marxismo tradicional, representado pelo stalinismo da URSS, do enfraquecimento político do proletariado europeu (Pucci e Zuin, 1999, p.23).

b) num segundo momento, elegem algumas categorias nas quais Giroux se baseia para realizar algumas críticas aos frankfurtianos. Uma delas diz respeito à forma como eles, com o intuito de problematizar as teorias radicais da escolarização, se basearam em teorias unilaterais do marxismo ortodoxo: “Giroux reconhece a importância da Escola de Frankfurt em politizar a cultura e apresentá-la como instrumento de reprodução social e de classe nos países desenvolvidos do Ocidente, porém afirma que ela nunca escapou completamente da lógica esmagadora do marxismo, uma lógica que acredita no poder controlador do capital sobre todos os aspectos do comportamento humano” (Pucci e Zuin, 1999, p.23-24).

Um outro ataque de Giroux aos pensadores da Escola de Frankfurt está na forma como entendem e concebem a cultura: “Apesar de a Escola de Frankfurt ter politizado a cultura, seus membros nunca foram capazes de fugir da posição preeminentemente conservadora que separava qualitativamente a cultura superior da cultura de massa” (Giroux apud Pucci e Zuin, 1999, p.24).

Pucci e Zuin se atêm, no decorrer da obra, a demonstrar esse modo criativo e a rica contribuição de Giroux partindo do referencial dos teóricos da Escola de Frankfurt. Tais críticas são pertinentes na medida em que introduzem na esfera da

educação alguns elementos fundantes para que Giroux possa pensar a sua Pedagogia Radical. Isso se torna claro, por exemplo, se tomarmos como norte a redefinição da noção de racionalidade que Marcuse, Adorno e Horkheimer realizam e da qual Giroux se apropria:

A Escola de Frankfurt, ao vincular a Teoria Crítica aos objetivos da emancipação social e política, teria redefinido, segundo Giroux, a noção de racionalidade. A racionalidade não seria apenas o exercício do pensamento crítico, como no Iluminismo. Ela se tornou agora a ligação do pensamento e da ação, no interesse de emancipar a sociedade como um todo (Pucci e Zuin, 1999, p.24).

É esse novo conceito de racionalidade que serve como base para o estabelecimento de um dos grandes objetivos da proposta de Giroux: reformular a teoria crítica e redefini-la em novas condições históricas. O que se pode perceber nos pressupostos de Giroux, segundo Pucci e Zuin, é uma certa visão um tanto romântica da teoria crítica como uma matriz emancipadora dos seres humanos.

Pucci e Zuin fazem uma leitura cautelosa e crítica dessas aproximações de Giroux com a teoria da Escola de Frankfurt. No entanto, é necessário que seja demonstrado que os níveis de discurso de Giroux e dos frankfurtinos são diferentes. Para os autores da obra em análise, existem dois níveis de abordagem da realidade: o nível dos horizontes teóricos e o nível da ideologia.

Em relação ao primeiro nível é que se identifica com os pensadores da Escola de Frankfurt: "Interessam-se pelas questões da cotidianidade (indivíduo, subjetividade, meios de comunicação, educação etc.), in-

teressam-se por temáticas contemporâneas (indústria cultural, autoritarismo, desbarbarização da sociedade etc.), porém não com preocupações imediatistas e pragmáticas" (Pucci e Zuin, 1999, p.26).

Já, em relação ao segundo nível (o nível da ideologia), para os autores em questão, é aquele que mais se identifica com o pensamento de Giroux: "O trabalho de Giroux se apresenta como um ideólogo da educação, na tentativa de socializar teorias descobertas pelos frankfurtianos e por outros, aplicando-as a caracterização de uma pedagogia que de conta da educação dos trabalhadores, dos negros e das minorias. Tornar acessível, traduzir em miúdos, sobretudo aos professores de 1º e 2º graus e aos estudantes, uma proposta pedagógica que os leve a pensar e a agir do ponto de vista dos dominados" (Pucci e Zuin, 1999, p.24).

Na verdade, o grande esforço de Giroux, é no sentido de auxiliar os educadores a pensarem os fundamentos de uma pedagogia comprometida com a emancipação do homem contemporâneo. Sendo um ideólogo da educação, é vista como positiva a maneira como ele estrutura e defende a Pedagogia Radical: "Giroux é antes de tudo um militante da educação" (1999, p.27).

O fato positivo de Giroux se apoiar no discurso ideológico para construir a sua teoria pedagógica não o isenta de serem apontadas algumas lacunas em sua forma de proceder. Uma delas consiste, segundo Pucci e Zuin, na ausência de profundidade de algumas análises e numa carência de fundamentos em certas soluções precipitadas ao se tratar de questões de caráter mais complexo.² A partir disso, esse certo "revisionismo" do pensamento de um Giroux

ideólogo chama atenção na sua obra pela eleição de algumas categorias norteadoras de seu pensamento, as quais são discutidas pelos autores como *categorias potencialmente pedagógicas*.

Cabe dizer que é consenso dos autores em estudo que a Teoria Crítica supera as dimensões do reprodutivismo e que são muitas as suas possibilidades de contribuir na construção de uma teoria pedagógica. A partir desse esclarecimento, a primeira categoria é a da *crítica dialética e sua dimensão pedagógica*. Pucci e Zuin, partindo da retomada de alguns preconceitos tecidos em relação à Teoria Crítica (de que ela fica só na esfera da negação), buscam demonstrar que esse exercício teórico prático da negação transcende este estágio estático e, ao contrário, sua dialética se ocupa em interpretar a realidade e transformá-la. Essa filosofia negativa não pretende permanecer numa crítica estéril; ela é a gênese da superação, que aponta para algumas direções e sugere mudanças.

A dialeticidade é uma categoria potencialmente pedagógica, pois, para os autores, visa à emancipação e à mudança social, que deve ser oriunda da realidade conflitiva. Para Pucci e Zuin, os membros da Escola de Frankfurt, especialmente Adorno e Horkheimer, diferentemente de Giroux, preocupam-se em comprovar, minuciosamente, os fundamentos de sua dialética; Giroux, ao contrário, cria uma série de convicções sem buscar maiores comprovações. E isso, para Pucci e Zuin, deixa uma certa impressão de um pragmatismo do pensamento da Escola de Frankfurt.

Não querendo restringir o esforço que Giroux emprega na construção de sua Pedagogia Radical, os autores entendem que

ela é significativa no sentido de possibilitar uma reflexão sobre a educação nas sociedades capitalistas contemporâneas. Esse dado, de modo algum, exime-o de uma crítica pertinente aos seus pressupostos, “porém a simplificação com que trabalha esses eixos temáticos, essencialmente complexos, e o tratamento peculiar, mas não aprofundado, que interpreta os conceitos frankfurtianos, e os dimensiona diretamente na fundamentação de uma prática educacional, levam-no em diversos momentos a uma visão próxima do idealismo e do voluntarismo” (Pucci e Zuin, 1999, p.36).

Prosseguindo na obra, outras categorias com potenciais pedagógicos são analisadas pelos autores, os quais, ao apresentá-las, pretendem demonstrar os seus limites e as suas possibilidades. Isso ocorre, por exemplo, nas categorias da *função educativa do refletir, assimilar o passado como esclarecimento: a dimensão da hermenêutica*. Nessas categorias, e em outras, Giroux reafirma o seu “télós pedagógico emancipativo”: “A única solução para a crise atual reside no desenvolvimento de uma noção mais autoconsciente da razão, uma noção que contenha elementos de crítica assim como de vontade humana e de ação transformativa. Em segundo lugar significa confiar à teoria a tarefa de resgatar a razão à lógica da racionalidade tecnocrática ou do positivismo” (Giroux apud Pucci e Zuin, 1999, p.37-38.).

A postura de Pucci e Zuin em relação às questões levantadas é indagar se é essa a atribuição da Teoria Crítica e, ao mesmo tempo, saber se não é uma pretensão demasiada de Giroux a de querer resolver com a Teoria Crítica os problemas dessa ordem. Os autores não são contrários, em

nenhum momento, à busca de emancipação do homem pelo viés dos fundamentos da teoria; apenas discordam da forma pouco justificada como Giroux trabalha essas categorias.

O mérito da obra de Pucci e Zuin, além de demonstrar as fragilidades da pedagogia de Giroux, está em colocá-lo no seu devido lugar. Para eles, Giroux é um ideólogo da educação. No entanto, esse fato não diminui em nada a sua grande contribuição para se pensar a educação como uma Pedagogia Radical: “Ela se constitui, pois, da plenitude semântica da categoria pedagogia crítica, fundamentada nos pressupostos frankfurtianos, com os objetivos de negar, mas também propor a dimensão inovadora na perspectiva da emancipação dos sujeitos e da sociedade” (Pucci e Zuin, 1999, p.121-122).

Quando Giroux utiliza, ora o termo *Pedagogia Radical*, ora *Pedagogia Crítica*, ele está, no fundo, segundo Pucci e Zuin, propondo a revitalização da pedagogia dialética. E isso ele faz com base nas seguintes proposições: o desenvolvimento de uma nova linguagem, de um novo conjunto de conceitos, que expressem mais adequadamente a relação entre teoria e prática, o resgate de dimensões esquecidas ou desprezadas no conteúdo ortodoxo, a ênfase na dimensão política da pedagogia, a superação das teorias da reprodução, a função dos

professores como intelectuais transformadores, a escola como a esfera da oposição e a Pedagogia Radical como forma de política cultural.

Considerando a posição de Giroux, não de um criador de uma teoria da educação, mas de um ideólogo, a partir dos horizontes do materialismo histórico, Pucci e Zuin reconhecem seu esforço em pensar uma pedagogia dialética a partir de um contexto de uma pedagogia burguesa. É uma pedagogia de esquerda que não segue a lógica do sistema capitalista monopolista; ela serve como desafio para pensar o sistema que marginaliza as minorias excluídas; serve de escudo para aqueles que ainda acreditam na educação e na emancipação do homem. Pensar uma educação com base nesse referencial não é uma tarefa fácil. Esse esforço deve ser entendido como uma possibilidade de resistência aos pacotes em série que a educação vem recebendo, frutos da lógica que não investe no desenvolvimento da condição humana, apenas no desenvolvimento da técnica.

Notas

- ² Com o intuito demonstrar os limites de algumas interpretações precipitadas que Giroux realiza, os autores da obra em análise citam vários apêndices que contêm fragmentos importantes dos textos de Frankfurt, os quais contribuem para elucidar os equívocos de Giroux. Essa é mais uma contribuição da obra.